

'Centrão' arrasa esquerda com 290 votos

Brasília — André Dusek/Ágil

BRASÍLIA — Numa sessão tumultuada, o *Centrão* aprovou, por 290 votos — dez mais do que a maioria absoluta —, o projeto de mudança do regimento do deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), impondo a maior derrota já sofrida pela esquerda na Constituinte. Antes que se iniciasse a votação, coube ao líder do PMDB, Mário Covas, anunciar, em nome da maioria do partido que, na falta de negociação, ia se retirar do plenário.

Em seguida pediu a palavra o líder do PDT, Brandão Monteiro, mas o processo de votação já havia começado. O grupo de Covas e os partidos de esquerda retiraram-se na esperança de que o *Centrão* não conseguisse reunir os 280 parlamentares exigidos para que a votação fosse válida. Ao todo, no entanto, votaram 309 parlamentares — 290 sim, 16 não e três abstenções.

A direita dominou toda a cena, até que uma assembléia de sindicalistas que ocupava o auditório Petrônio Portella, no Senado, decidiu ir para as galerias. A partir daí, a votação ficou tumultuada. O deputado Cunha Bueno (PDS-SP), responsável pela contagem dos votos contrários à proposta, tomou para si, indevidamente, a tarefa de pedir o voto do deputado Paulo Paim (PT-SP), que estava nas galerias. Como ele não repondesse à chamada, Bueno — sem qualquer manifestação por parte de Ulysses Guimarães, que então presidia — computou o voto como abstenção.

"Moleques" — O deputado Paulo Ramos, da esquerda do PMDB, entrou no plenário para protestar contra a inclusão do voto de Paim e acabou também computado por Cunha Bueno como abstenção. Quase acontece o mesmo com Cristina Tavares, que pediu a palavra para uma questão-de-ordem acusando os constituintes do *Centrão* de moleques. Somente depois desta segunda intervenção Ulysses decidiu que não seria computado o voto de Paim, porque ele estava nas galerias, mas o de Paulo Ramos, sim, pelo fato de ele ter ido ao plenário.

Os palavrões e vaias não impediram que o *Centrão* fizesse uma grande festa quando foi anunciado o 280º voto. A vitória foi obtida com a ajuda surpreendente do líder do PFL, senador Carlos Chiarelli. Os deputados João de Deus e Feres Neder, ambos do PDT, votaram com o grupo conservador, enquanto dois outros deputados do partido, Chico Humberto e Adroaldo Streck, recusaram-se a deixar o plenário junto com a liderança e, mesmo votando contra a proposta, ajudaram a formar quórum.

O líder Brandão Monteiro anunciou que faria uma reunião de bancada para examinar esses casos, adiantando que a convivência com eles, a partir deste momento, seria "muito difícil". O presidente do PFL, senador Marco Maciel, que estava envolvido nas negociações frustradas com o *Centrão*, acompanhado de parte de seu grupo, permaneceu em plenário e disse não à emenda Cardoso Alves. Outra parte acompanhou o *Centrão* e outra saiu do plenário.

Deputado erra pontapé e leva soco no olho

A sessão, agitada desde a abertura às 10h, durava exatamente uma hora quando o deputado Gilson Machado (PFL-PE), do *Centrão*, acertou com um soco o olho do deputado Juarez Antunes (PDT-RJ). A confusão começara porque o pedetista quis usar o microfone à direita do plenário, onde tradicionalmente ficam os direitistas, e o parlamentar do PFL tentou impedi-lo. Roberto Jefferson (PTB-RJ) empurrou Antunes, que respondeu com um pontapé, mas acabou acertando seu líder Brandão Monteiro (PDT-RJ). Mesmo assim, Machado sentiu-se atingido e desferiu o soco. Muito nervoso, o presidente da sessão, deputado Jorge Arbage (PDS-PA), interrompeu os trabalhos.

Reiniciada, a sessão continuou em clima de guerra. "No pau, eles não vão levar", esbravejava Brandão Monteiro. "Isso é um absurdo. E logo os turistas", gritava a deputada Benedita da Silva, a *Bené* (PT-RJ), referindo-se aos constituintes que aparecem pouco em plenário. "Foram eles que começaram, invadiram nosso território", alegava Nilson Gibson (PMDB-PE), integrante do *Centrão*.

Até o diabo — Aberta a sessão, o primeiro parlamentar a pegar o microfone foi o deputado José Genoíno (PT-SP); cautelosamente, pediu ao presidente em exercício, Jorge Arbage, que suspendesse os trabalhos. Roberto Jefferson (PTB-RJ) ameaçou: "Eles estão querendo ganhar essa briga no tapetão, nos conchavos do gabinete de Ulysses Guimarães, mas não vão conseguir".

Menos de uma hora depois, com o soco de Machado em Antunes, o *Centrão* mostrou que estava ali para ganhar. O deputado Amaral Neto (PDS-RJ) foi à tribuna avisar: "Se alguém tentar arrancar o microfone de minha mão, nem que seja o diabo que o carregue, eu também vou pro pau, eu vou reagir". Quando, ao meio-dia, o deputado Ulysses Guimarães fez um discurso pedindo serenidade, Amaral ironizou: "Ele está sonhando".



Depois de levar um soco de Machado, Juarez Antunes é contido por parlamentares

Das galerias, cusparadas e palavrões

"Constituinte que não respeita os direitos dos trabalhadores não merece o respeito dos trabalhadores" — dizia imensa faixa aberta por representantes da CUT e CGT nas galerias enquanto ocorria a votação e sobre os constituintes chovia dinheiro, fichas telefônicas e papel amassado. O deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE) foi atingido por cusparadas. Sob o coro de "traidores, traidores", pessoas das galerias brandiam cédulas de dinheiro.

Quando o *Centrão* se aproximava da vitória, veio o coro a plenos pulmões: "Filha da p..., filha da p...". Quando a votação terminou, ouviu-se o refrão dos estádios de futebol: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos que o *Centrão* vá para a ...". E, ainda nesse clima, os trabalhadores gritavam ao final da votação: "É na saída, é na saída."

Descendo aos trambolhões as escadas que davam acesso às galerias, os mais exaltados invadiram o Salão Negro, onde se realiza uma mostra de produtos goianos. Quando, assustadas, as recepcionistas da mostra tentaram guardar os produtos, dezenas de metalúrgicos começaram

a gritar: "Não precisa guardar, só o *Centrão* é ladrão."

Invasão — A segurança da Câmara fechara as grandes portas de vidro que separam o Salão Negro do Salão Verde, que dá acesso ao plenário. Alguns trabalhadores começaram a sacudir as portas. Deputados como Eduardo Jorge (PT-SP), Paulo Delgado (PT-MG) e Edmilson Valentim (PC do B-RJ) conduziram-nos por outra porta e o Salão Verde foi invadido.

A maioria do pessoal do *Centrão* já havia desaparecido. Entre os que ficaram, o deputado Furtado Leite (PFL-CE) acabou ouvindo palavrões e desaforos de um trabalhador que o abordou de dedo em riste. O deputado Ricardo Fiúza foi arrastado para fora do salão pelo deputado Inocêncio de Oliveira (PFL-MG) e pelo ex-deputado Flávio Bierrembach, de São Paulo.

Sem encontrar seu alvo principal, o líder do PFL, José Lourenço, os trabalhadores começaram a gritar: "O povo unido jamais será vencido". Pouco depois, começaram a se retirar.

Lenço branco — Se houve

agressão por parte dos trabalhadores, alguns constituintes reagiram aos xingamentos. O deputado Jofran Frejat (PFL-DF) permaneceu boa parte da votação sorrindo para as galerias e, discretamente, fazendo gesto obsceno com o polegar e o indicador da mão direita. Na Mesa, o deputado Gerson Peres (PDS-PA) respondia também com palavrões ao coro das galerias.

Chamado para votar debaixo de tremenda vaia e coro de "o *Centrão* é direitão, uma tropa de ladrão", o deputado José Lourenço disse "sim" e ergueu os braços em triunfo para a assistência. Já o deputado Amaral Neto deu bananas para as galerias. E o deputado Max Rosemann (PMDB-PR), ao final da votação, dava adeus acenando com um lenço branco. Lourenço fazia *top-top* com as mãos para os manifestantes. Havia tanto barulho nas galerias que não deu para ouvir o resultado da votação.

Encerrados os tumultos, entrou em cena nova brigada de trabalhadores: os faxineiros da Câmara, que deveriam limpar o plenário. No chão, havia dinheiro, papel amassado, faixas e um chinelo.

Brasília — Fotos de Wilson Pedrosa



"Centrão" cochicha, esquerda ouve Ulysses



Antes da votação, a esquerda se retira